

Grupo tancredista do Senado se reúne com Sarney

Haroldo Hollanda

O presidente José Sarney recebe na próxima segunda-feira o grupo tancredista do Senado, constituído de quinze senadores, o qual vai com ele analisar nessa oportunidade todos os fatos da presente conjuntura política. À frente do grupo e como um dos seus integrantes estará o senador José Fragelli, presidente do Senado. Aliás, foi graças ao apoio que recebeu dessa facção da bancada do seu partido que o senador Fragelli conquistou aquele destacado posto político. A principal questão a ser analisada no decorrer desse encontro, será, naturalmente, a indicação do novo governador do Distrito Federal. Um dos integrantes do grupo tancredista do Senado, como eles próprios se classificam, é o senador Mauro Borges, candidato em potencial do governo do Distrito Federal.

Antes do seu encontro com Sarney na segunda-feira, o grupo tancredista de senadores tenciona se reunir informalmente neste final de semana e discutir o futuro político que os aguarda em breve. Irão também fazer uma avaliação dos temas que pretendem discutir com o presidente Sarney.

Com o desaparecimento do presidente Tancredo Neves, a quem estavam mais de perto ligados, os tancredistas confessam se sentirem como que na orfandade. Eles partem da premissa de que o deputado Ulysses Guimarães, como presidente do PMDB, só prestigia a estrutura política que sempre lhe ofereceu sustentação no seio do partido. Temem esses senadores que se Ulysses persistir nessa posição, ignorando parcela significativa dos seus correligionários, ele poderá estar contribuindo para criar uma divisão irremediável dentro do partido.

Reconhecem que o deputado Ulysses Guimarães, pelo seu passado e pelas lutas políticas empreendidas, é um patrimônio do partido, uma espécie de monstro sagrado, que deve ser preservado. No entanto, fazem a advertência de que uma corrente significativa do partido, a dos "moderados", na qual se acham engajados, não pode ser ignorada. Queixam-se ainda que com a vacância ocorrida em vários cargos da Executiva Nacional do PMDB, o deputado Ulysses Guimarães praticamente ignorou a presença do Senado. Pretende substituir dois senadores que ali tinham lugar assegurado por dois deputados federais, o que consideram como fato inaceitável. Acham que os postos de primeiro vice-presidente e de secretário-geral eram até aqui exercidos por senadores e devem continuar a sê-lo. Atribuem grande parte da má vontade de Ulysses com a bancada do Senado ao episódio da derrota do senador Humberto Lucena, que foi preterido por Fragelli nas suas pretensões de alcançar a presidência do Senado. Reconhecem haver hoje um desentendimento entre eles e o líder Humberto Lucena. Manifestam simpatias pelo senador Fernando Henrique Cardoso, mas temem que qualquer ato de consolidação política da sua posição poderia representar um fortalecimento ainda maior de São Paulo nas posições em grande número que já detém na área federal. Mas reconhecem, ao mesmo tempo, que havendo no futuro eleições diretas para presidente da República, provavelmente em 88, o nome que o partido deveria preparar para essa batalha eleitoral deveria ser o de Fernando Henrique Cardoso.

Confessam causar entre eles preocupação visível o crescimento e ascensão política do nome do ministro Aureliano Chaves da Frente Liberal. Embora reconheçam em Ulysses Guimarães um patrimônio do partido, acham que ele não seria o candidato ideal do partido para enfrentar o desafio político representado por Aureliano Chaves. O presidente do PMDB, segundo o julgamento que fazem, estaria desprovido das melhores condições para o embate eleitoral das ruas.

O desaparecimento repentino de Tancredo Neves gerou entre os que seguiam sua orientação política no PMDB um sentimento de frustração e insegurança frente ao futuro. Temem também os senadores tancredistas pela falta de um melhor entrosamento entre a Frente e o PMDB, o que terminaria por determinar o enfraquecimento da Aliança Democrática, essencial à própria estabilidade política do regime. Aliás, nota-se fenômeno curioso tanto entre os senadores da Frente como do PMDB: todos receiam que havendo divergências e falta de apoio por parte deles ao governo o presidente José Sarney acabe recorrendo ao PDS, em cujo seio há vários setores muito propensos a uma negociação e a um entendimento nessa direção.